

---

## IMAGENS DA ESCOLA E SUAS FUNÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE: O DISCURSO DE ESTUDANTES CONCLUINTE DO ENSINO MÉDIO

<http://dx.doi.org/10.4025/imagenseduc.v7i1.30285>

Suzana Feldens Schwertner\*  
Angélica Vier Munhoz\*

\* Centro Universitário UNIVATES. [suzifs@univates.br](mailto:suzifs@univates.br)

\*\* Centro Universitário UNIVATES. [angelicavmunhoz@gmail.com](mailto:angelicavmunhoz@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo pensar a escola e suas funções na contemporaneidade em meio ao discurso de estudantes concluintes do ensino médio. É resultante da pesquisa A escola e as novas configurações da contemporaneidade: a voz de estudantes concluintes do ensino médio e fundamental, iniciada em agosto de 2014, cujo aporte teórico se aproxima dos estudos pós-estruturalistas em educação. O delineamento metodológico da investigação foi organizado em grupo focal, composto por 15 estudantes do ensino médio de uma escola pública do Vale do Taquari, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Em cada um dos quatro encontros, foi proposta uma atividade, com a discussão de um tópico específico e a produção de imagens. Ao fazer emergir visibilidades e possibilidades enunciativas acerca das configurações da escola, por meio da análise de discurso foucaultiana, percebeu-se a importância do espaço escolar e dos colegas no processo de aprender. Os livros, materiais característicos da aprendizagem formal, apareceram com destaque nas imagens produzidas. Partindo da pergunta inicial 'Quais as funções da escola hoje?', a análise das imagens e as transcrições das falas no grupo focal permitem pensar que a escola, mesmo que em meio a paradoxos, tem a potência de ser um espaço privilegiado de vida.

**Palavras-chave:** escola, ensino médio, contemporaneidade, imagens.

**Abstract: Images of school and its functions in contemporaneity: the discourse of High School seniors.** This paper aims to think about school and its functions in contemporaneity as seen in the discourse of High School seniors. It has stemmed from the research 'The school and the new contemporary panorama: the voice of high school and elementary seniors', started in August 2014, with a theoretical approximation to post-structuralist studies in education. The methodological design of the investigation involved a focus group composed of 15 High School students attending a public school in Taquari Valley, Rio Grande do Sul, Brazil. In each one of the four meetings, a different activity was proposed, comprehending the discussion of a specific topic and production of images. With the use Foucauldian discourse analysis, by making enunciation visibilities and possibilities related to school configuration emerge, the importance of the school setting and classmates in the learning process was noticed. The books, materials that characterize the formal learning, were highlighted in the produced images. Considering the initial question 'What are the school functions today?' the analysis of images and the transcription of the focus group speeches have enabled us to think that the school, although amidst paradoxes, has potency to be a privileged life setting.

**Keywords:** school, high school, contemporaneity, images.

## Introdução

Os jovens e as funções da escola hoje; os concluintes do ensino médio e seus dilemas diante das trajetória escolar; as imagens fotográficas, registros de um tempo composto por enquadramentos, objetos, sujeitos, espaços; um grupo de pesquisadores ávido em conhecer e saber mais acerca destas relações: estudantes, escola, fotografia. Temos, aqui, uma potente articulação que o presente artigo pretende discutir e que parte de um projeto de pesquisa e seus resultados iniciais, apontando para elementos que as pesquisas em educação e ensino ainda necessitam incrementar.

O projeto de pesquisa *A escola e as novas configurações da contemporaneidade: a voz de estudantes concluintes do ensino médio e fundamental*, iniciado em agosto de 2014, é resultado de inquietações provocadas pela pesquisa *A escola e as novas configurações da contemporaneidade*, vinculada ao Mestrado em Ensino da Univates, com o apoio do CNPq (CNPq/Universal 14/2014). O problema central da pesquisa são as funções e papéis da escola e das ciências exatas na contemporaneidade, investigando como a instituição escolar, em suas configurações atuais, aparece nos discursos e nas imagens produzidos por jovens estudantes.

Este projeto apresenta como aporte teórico estudos pós-estruturalistas em educação, partindo de autores como Foucault (2002, 2015), Aquino (1996, 2007) e Larrosa (2000, 2004). Os objetivos do estudo são, especialmente, entender a presença e importância da escola na vida dos estudantes, buscando incentivar formas de pensar este ator institucional como constituinte e pertencente a esse processo. A proposta metodológica configura-se mediante grupos focais com estudantes de turmas concluintes do ensino fundamental e ensino médio de escola públicas e privadas da região do Vale do Taquari, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Associado ao trabalho com grupos focais, a proposta de foto-elicitação (Banks, 2001) foi tomada como um instrumento para essa investigação.

Neste artigo, destacaremos a primeira etapa da pesquisa realizada com um grupo de estudante concluintes do ensino médio, no segundo semestre de 2014. Antes de discutirmos

o desenvolvimento da metodologia, faremos uma breve discussão sobre os referenciais teóricos que ancoram nosso trabalho.

## A escola, suas funções e a contemporaneidade

Ao analisar a escola contemporânea francesa, o sociólogo Dubet (1998) afirma a necessidade de um processo de desinstitucionalização dessa escola. Tal justificativa se dá, segundo o autor, porque a escola foi construída sob a égide da instituição que, na tradição clássica, era concebida como um conjunto de papéis e valores com o objetivo de formar indivíduos e personalidades. Desse modo, Dubet (1998, p. 27) afirma:

Na instituição, a socialização dos indivíduos funciona como um processo paradoxal, através do qual o indivíduo se identifica primeiro com os outros, os adultos, depois com os valores nos quais os outros acreditam, porque as regras e as proibições impedem a criança e o jovem de se dissolver no amor do mestre, dos pais e dos adultos em geral.

Dubet aponta para a falência desse projeto de instituição, colocando a escola sob suspeita, ao considerar que os seus objetivos perderam a clareza e unidade já que não é mais possível esperar que “[...] a instrução socialize os alunos em uma cultura comum, que proporcione formações úteis para o emprego e, por fim, que permita o desenvolvimento da personalidade” (Dubet, 1998, p. 28).

Em decorrência disso, o diagnóstico de Dubet (1998, p. 28) também aponta para uma disjunção do universo escolar e universo juvenil, pois “[...] a escola não pode mais ser tomada como uma instituição, na medida em que, cada vez mais tem dificuldade em administrar as relações entre o interior e o exterior, entre o mundo escolar e o mundo juvenil”.

Ao considerar tais afirmações e estendê-las, sem grandes estranhamentos, para o contexto brasileiro, podemos pensar que temos hoje uma escola que não dá mais conta – e talvez nunca tenha dado – de construir papéis e valores únicos para uma geração que afirma muito mais a necessidade de vivenciar novas experiências do que interiorizar papéis ou valores obsoletos para os tempos atuais. Dito de outra forma, a missão

civilizadora da escola de promover modelos culturais e racionalizar sujeitos para administrar o mundo parece perder a sua força na contemporaneidade.

Contudo, a escola ainda permanece ancorada sob o modelo da instituição moderna e os objetivos de institucionalização continuam compondo o processo de escolarização: educar em espaços fechados, controlar o tempo, selecionar saberes e dar a eles caráter universal, adequar saberes às capacidades dos alunos, constituir uma obrigatoriedade escolar de tal forma que torne os cidadãos tutelados pelo Estado (Correa, 1997).

Problematizar a educação escolarizada e normalizada/normatizada foi um dos estudos realizados por Foucault, tanto em seu plano individual/disciplinar, quanto no plano populacional/biopolítico<sup>1</sup>. Enquanto a mais importante instituição de disciplinamento do século XVII, a escola tinha o claro objetivo de produzir corpos disciplinados para um mundo disciplinarizado, à medida que, segundo Foucault (1999, p.302), “A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam, conforme uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação”. Contudo, a partir do século XIX, com o processo de industrialização e a ascensão do capitalismo e, em decorrência, a escolarização em massa, as formas de exercício de poder passam a não mais se encontrar atreladas aos dispositivos disciplinares, mas às formas de controle da população. Nesse sentido, a partir do século XIX, já não importava mais apenas disciplinar as condutas; era também preciso instituir uma gestão da vida das populações. E a população é compreendida por Foucault (2004, p. 44) como um novo “[...] sujeito político, como novo sujeito coletivo absolutamente alheio ao pensamento jurídico e político dos séculos

prévios”. Desse modo, no lugar das discussões desenvolvidas em torno do disciplinamento do corpo individual, Foucault passa a centrar as suas análises em torno do conceito de biopolítica das populações, entendido como governo do corpo e da vida:

O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder (Foucault, 1988, p.134).

A educação institucionalizada apropria-se dos dispositivos de disciplinamento, produzindo efeitos sobre os corpos dos alunos para discipliná-los. Enquanto a tecnologia disciplinar opera na sujeição do corpo do indivíduo, modelando as subjetividades, formatando seus desejos, a tecnologia de biopoder é exercida sobre o coletivo, o corpo social, tornando-os produtivos, homogêneos, uma massa modular. Assim, tal modelo de educação escolarizada, de uma forma ou outra, sustentada por dispositivos de disciplinamento ou biopolítica (não necessariamente um ou outro, mas ora um e outro) ainda parece estar presa a uma concepção de homem, de escola, de sociedade do século XVII.

Nesse sentido, podemos considerar que a escola mudou menos que os movimentos do mundo fora da escola e parece haver um descompasso entre a escola e os tempos atuais. Conforme Ramos do Ó (2007, p.110), “O modelo de educação que nós temos está mais perto do século XIX do que do século atual. E os alunos que nós temos, evidentemente, são mais do século XXI do que do século XIX”.

Temos, portanto, novas gerações potentes em suas outras formas de aprender, de relacionar-se com o mundo e, sobretudo, afoitas a viver outras experiências que a escola parece não conseguir proporcionar ou quando se propõe a ofertá-las, ainda assim é em menor medida que a capacidade de sua clientela. Por outra via, podemos perceber interpretações

<sup>1</sup> O pensamento de Foucault permite tomar as noções de norma e de normalização como conceitos operatórios para pensar e ver de outras maneiras, para pensar historicamente e circunscrever acontecimentos singulares – referentes à instituição escolar e relações de poder específicas –, ao mesmo tempo que ajuda a tornar visíveis certas circunstâncias atuais e a pensar, também, o que estamos fazendo hoje em nossa sociedade (Portocarrero, 2004, p.170). Desse modo, no plano da educação escolarizada, o poder da norma funciona produzindo homogeneidades, decorrente de medidas de normalização que se efetuam a partir da gradação das diferenças individuais.

espontaneístas que nos levam a crer que o que vale é apenas possibilitar que os alunos vivam as suas próprias experiências, à deriva, ou seja, que eles devem habitar um mundo apenas sustentado pelos valores do presente recusando o diálogo com o passado. Bauman, em entrevista à Porcheddu, ajuda-nos a pensar:

[...] o conhecimento precedente envelhece e o novo, recém-nascido, é destinado a envelhecer do mesmo modo: a volatilidade do mundo líquido, parcamente integrado e multicêntrico, faz com que cada um dos episódios sucessivos dos projetos conduzidos na vida requeira uma série de competências e informações que tornam vãs as competências pregressas e as informações memorizadas (Porcheddu, 2009, p. 669).

Se, por um lado, anunciamos a crise da escola, por outro lado, ainda se torna impensável uma sociedade sem escolas. O que nos parece certo é que, atravessada pelas mudanças econômicas, políticas, culturais e sociais, a escola necessita se tornar mais permeável aos novos modos de viver e pensar, sem, contudo, perder de vista a cultura escolar, a literatura, as ciências, as artes em seu “[...] caráter edificante, jamais imitativo” (Aquino, 2007, p.94).

Talvez, pensar a escola na atualidade nos remeta, como diz Agamben (2009), a manter com o próprio tempo uma relação de contemporaneidade. Ao perguntar sobre o que é o contemporâneo, Agamben (2009, p. 16) afirma: “[...] significa ser capaz não só de ter fixo o olhar na obscuridade da época, mas também de perceber na obscuridade uma luz que, dirigida até nós, afasta-se infinitamente”.

De todo modo, o que podemos perceber é que ainda estamos emaranhados no que diz respeito ao pensamento da escola, suas funções, seu lugar, seus desígnios na sociedade atual, possivelmente porque, como nos diz Rego:

[...] apesar da marcante presença da escola nas discussões atuais, da importância que geralmente lhe é atribuída e do crescente interesse que ela desperta na sociedade contemporânea, boa parte das análises feitas sobre o tema da escolarização ainda são superficiais e incompletas (Rego, 2003, p. 17).

É partindo destas noções sobre a escola e suas funções que buscamos escutar, dos

estudantes, os discursos sobre o universo escolar a partir das vozes e dos olhares daqueles que estão se despedindo da escola. Contudo, antes de analisarmos este discurso, não podemos deixar de discutir a forma como propomos pensá-lo: por meio de imagens produzidas pelos próprios estudantes. Por que as imagens? O que elas têm a nos mostrar em meio à escola contemporânea? É o que seguiremos destacando neste escrito.

### **A pesquisa sobre (e com) imagens na educação e no ensino**

É próprio da fotografia constituir-se na intermitente questão entre o que é singular – aquilo que aparece na fotografia – e o todo mais amplo a que se abre, ou seja, tudo aquilo que, não explicitado na imagem, a partir dela, podemos inferir (Ribes, 2005, p. 42).

Virada pictórica (Mitchell, 1994), experiência visual (Jay, 1996), democratização da mídia visual (Mirzoeff, 2005), esfera do visível (Aumont, 2009), pulsão visual (Campos, 2011) são denominações e expressões que abarcam a noção de centralidade da imagem atualmente, proposta por estudiosos que vêm se dedicando à pesquisa com e sobre imagens nas ciências humanas. Nossa relação com as imagens ampliou-se muito além do mero encontro fortuito em espaços restritos ou pontuais: vivemos hoje a civilização da imagem e uma centralidade do olhar que nos convoca, constantemente, à contemplação das mais diferentes imagens, nos mais inusitados espaços; por vezes, insistente e precariamente. Tornou-se tão banal a produção e visualização de imagens que parece não nos darmos conta de sua importância e participação na vida cotidiana.

Conforme sugere Fischman (2001), deveríamos aproveitar este movimento em nossas investigações: os recursos visuais deveriam ser utilizados para aprimorar conhecimentos de educadores e pesquisadores sobre diferentes tópicos na pesquisa educacional (sejam elestópicos tradicionalmente investigados ou mesmo temáticas mais recentes). Nosso papel como pesquisadores deveria incorporar criticamente “[...] a noção de questionamento e a reflexão daquilo que vemos e como estas imagens são construídas e reconstruídas portodos os participantes de um determinado projeto de pesquisa” (Fischman, 2001, p. 32, tradução

nossa). Imagens que são construídas e reconstruídas (aqui, neste trabalho, pelos jovens), imagens que constroem sentidos, carregam informações, mas também – e fundamentalmente – engendram relações de saber e de poder (Fischman, 2001).

Recente artigo que articula as relações entre juventude e imagens (Schwertner & Fischer, 2012), ao realizar uma revisão bibliográfica sobre os estudos de juventude no Brasil, apontou que a noção de uma ‘virada estética’ nos estudos acadêmicos reverenciou pesquisas que buscam destacar a relação entre jovem e cultura – e, ali, destaque para os estudos sobre juventude e imagens. Contudo, a pesquisa sobre imagens na educação ainda tem se mostrado escassa nos estudos brasileiros (Fischman, 2001; Ciavatta & Alves, 2008). Investigações que se utilizam das imagens, trabalhando com elas, são ainda raras no país (Fischman & Sales, 2014). Um dos motivos apontados por Fischman e Sales (2014) é o ceticismo em relação às imagens e a desvalorização dos fenômenos visuais, ainda que estes sejam cada vez mais suscitados em nosso cotidiano. Os pesquisadores denunciam essa fragilidade, destacando:

[...] a grande maioria dos pesquisadores que participa do campo da investigação educativa tem permanecido bastante receosa para incorporar fenômenos visuais e/ou imagens tanto como fonte de informação relevante quanto como objeto de estudo em si mesmas, para além do uso esporádico de algumas ilustrações como complementos decorativos em discussões acadêmicas (Fischman & Sales, (2014, p. 425).

É preciso arriscar-se no mundo das imagens como fonte de pesquisa e produzir trabalhos que invistam na produção e análise das imagens, sem, contudo, descuidar-se da tarefa complexa de trabalhar com elas. O maior cuidado deve transitar, sobretudo, em não se colocar ao lado da iconofobia (que se refere ao temor em relação às imagens), ou, de seu oposto, da iconofilia, “[...] de modo a não sermos colhidos na voragem de uma pulsão escópica, em múltiplos sentidos *voyeurista*, que o consumo e produção de imagens suscitam” (Campos, 2011, p. 256, grifo do autor).

Pactuamos com a necessidade do uso das imagens na elaboração de um trabalho teórico-epistemológico do cotidiano escolar (Alves &

Sgarbi, 2001); além disso, também nos perguntamos, juntamente com Ribes (2005, p. 41), como fugir de formas individualistas de narrar e produzir imagens para elaborar “[...] um estudo que, simultaneamente, permita saber mais de nós mesmos e do contexto social em que nossa história se desenvolve?”.

Igualmente, concordamos com a proposta defendida por Fischman (2000) do uso de artefatos visuais em uma pesquisa (neste artigo, imagens fotográficas): a ênfase em sua centralidade e presença ativa desde a organização do projeto, passando por sua contextualização, produção, objetivos e tratamento analítico das imagens. Além disso, propõe-se combinações entre a análise das imagens e outros recursos discursivos, como a utilização de legendas e a foto-elicitação (Banks, 2001; Prosser & Loxley, 2008). Trata-se de um método que abrange a produção de imagens pelos participantes da pesquisa, entendendo-os como ‘co-pesquisadores’, como responsáveis e *experts* na temática pesquisada – neste caso, a vida escolar e as funções da escola. Os autores destacam as vantagens desse recurso: “Há um imenso potencial na foto-elicitação quando os informantes criam ou ‘encontram’ fotografias que possuem significados para eles” (Prosser & Loxley, 2008, p. 21, tradução nossa).

Além da produção e criação, os participantes são convocados a contemplar coletivamente as imagens produzidas, debatendo em conjunto e com os pesquisadores os aspectos de produção, enquadramento, efeitos e sentidos das imagens. Trata-se de um modo de pesquisa mais participativo, que possibilita aos sujeitos selecionar aspectos relevantes de sua vida (escolar, no caso desta pesquisa) e produzir pensamentos e narrativas por meio das imagens. Nas palavras de Torre e Murphy (2015, p. 02, tradução nossa), a foto-elicitação é uma “[...] ferramenta singular que pesquisadores e educadores podem utilizar para entender as dimensões menos visíveis da comunidade escolar e para empoderar estudantes, professores e membros da família”. Mas, igualmente como destacamos acerca dos estudos visuais em Educação, trabalhos de pesquisa que se apropriam desta metodologia são escassos não apenas no contexto brasileiro, mas em nível internacional (Torre & Murphy, 2015).

Ao final, destaca-se a afirmação de Mitchell (1994), ao sugerir atividades de produção e contemplação de imagens com estudantes, a fim

de explorar a cultura visual e discutir sobre a imbricação entre experiência verbal e visual. Apresentam-se, a seguir, a investigação propriamente dita e os caminhos metodológicos da pesquisa, além da discussão dos resultados iniciais.

### A investigação

Como apresentado na introdução, o delineamento metodológico desta pesquisa, de cunho qualitativo, está organizado em grupo focal, composto por 15 estudantes do ensino médio de uma escola pública da região do Vale do Taquari do estado do Rio Grande do Sul, além de duas coordenadoras do grupo de pesquisa e uma bolsista de Iniciação Científica. No segundo semestre de 2014, foram realizados quatro encontros, de frequência mensal, com duração média de uma hora, no período escolar. Em cada um desses encontros, foi proposta uma atividade diferente, com a discussão de um tópico específico, incluindo aí a produção de imagens. Em três dos quatro encontros, foi utilizado um gravador digital para o registro das discussões, que foram posteriormente transcritas e analisadas conforme referencial teórico.

No primeiro encontro, o tema de discussão foi relacionado à pergunta principal da pesquisa: Quais as funções da escola hoje? Em um segundo momento, a abordagem perpassou questões sobre o lugar das ciências exatas na escola. O terceiro encontro foi marcado pelo registro fotográfico: os estudantes foram convocados a retomar a discussão realizada nos dois últimos encontros e registrar, em imagem, qual seria a função da escola na atualidade. Em seguida, os estudantes enviaram suas fotografias, acompanhadas de uma legenda, via endereço eletrônico, cujas imagens foram compiladas em um arquivo para exibição. No último dia, as imagens foram coletivamente visualizadas e discutidas, partindo do pressuposto da foto-elicitación (Banks, 2001; Torre & Murphy, 2015). A discussão e análise estão pautadas mais especificamente pelos dois últimos encontros.

Inicialmente, podemos apontar o envolvimento dos estudantes no trabalho investigativo. Desde o momento de apresentação da pesquisa até a forma de seleção dos participantes, por meio de seus interesses e motivações, passando pela solicitação da produção de imagens, os estudantes se mostraram colaborativos e entusiasmados.

Serem escutados no espaço escolar para falar sobre o ambiente da escola e sua trajetória, sentido e finalidade parece ter sido algo desafiador para aqueles jovens. Produzir fotografias na escola, com o consentimento do uso de suas câmeras do aparelho celular, também foi motivo de admiração e surpresa por parte dos estudantes.

Ao fazer emergir visibilidades e possibilidades enunciativas acerca das configurações da escola, por meio da análise de discurso foucaultiana, percebeu-se a importância, para os jovens estudantes, do espaço da escola, de objetos tradicionais daquele espaço e dos colegas no processo de aprender. A partir das imagens, discutiu-se sobre a coletividade do trabalho na escola, a sua valorização e importância pelos estudantes e a afirmação daquele como um espaço de encontros e de aprendizagem. Vale destacar que a análise de discurso envolveu tanto a análise das imagens (fotografias dos estudantes) quanto a discussão coletiva nos grupos focais. Discurso, na dimensão foucaultiana, deve ser concebido “[...] como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade” (Foucault, 1996, p. 53).

Para Foucault (2002), a análise de discurso não é aquilo que busca ir além ou aquém dele mesmo; é o que se forma e se deforma a partir de uma pluralidade emaranhada de objetos, no nível do próprio discurso. Não se trata, enfim, “[...] de neutralizar o discurso, transformá-lo em signo de outra coisa e atravessar-lhe a espessura para encontrar o que permanece silenciosamente aquém dele, e sim, pelo contrário, mantê-lo em sua consistência, fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria” (Foucault, 2002, p. 54).

Apropriar-se da complexidade do discurso, analisar suas condições de emergência, inquietar-se “[...] diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares” (Foucault, 2002, p. 24): este foi o trabalho de análise realizado. Buscou-se, então, aproximar as imagens e as discussões produzidas pelos jovens estudantes daquilo que se propôs pensar como as funções da escola na contemporaneidade. Um primeiro aspecto que nos chamou atenção nas imagens foi a presença dos livros. Os livros, materiais característicos da aprendizagem formal, apareceram com destaque nas imagens produzidas, sejam eles os didáticos ou, mais

especialmente, os livros de literatura. Na figura 1, lemos a seguinte legenda, elaborada pela estudante 1, que produziu a imagem: 'Na escola descobrimos o amor pelos livros, o amor pela leitura'. Mais do que isso: o 'amor pela leitura' foi enfatizado e ampliou a discussão sobre a imagem produzida:



**Figura 1 – Amor pela leitura**

Fonte: Estudante 1.

E1: Porque ler é muito bom, é bom para todo mundo, quem não gosta está perdendo muito, porque lendo a gente aprende muita coisa, escrever bem, conseguir viajar, sei lá...

E8: É como música, tu escreve, quando tu está escutando música tu está concentrada nela, tu esquece todos os problemas e se diverte.

E1: [...] tu conhece outras coisas...

E12: [...] aprende coisas novas.

As constantes afirmações de muitos professores, gestores e outros profissionais da educação de que os jovens não leem parecem ficar suspensas, ao escutarmos a seguinte declaração, da autora da figura 1, na sequência do debate em grupo:

E1: Bom, eu amo ler, se eu estou na escola, eu estou lendo livro. Quando a aula começa a ficar chata – eu sei é uma falta de respeito com o professor estar lendo o livro –, mas eu confesso: eu pego o livro e fico lendo na aula, coloco-o debaixo da carteira e fico lendo. Sei que é algo positivo, mas sei que é chato... já li vários livros repetidos, mas porque eu adoro e algumas vezes os professores já me pegaram lendo porque não estava prestando atenção na aula...

Na figura 2, vemos a legenda que a estudante relacionou à imagem: 'Na escola, entramos com o objetivo de adquirir conhecimento e, ao mesmo tempo, buscar a nossa felicidade. [...] é na escola que conhecemos nossos verdadeiros amigos e até o nosso verdadeiro amor'. Aqui, o livro aparece como um título que nos lança e nos remete às funções da escola e para além dela, como percebemos nas de coordenadores e estudantes.



**Figura 2 – Felicidade**

Fonte: Estudante 2.

Coord. 2: O que na escola, como o colega colocou, existe uma busca pelo conhecimento, a escola é o lugar da felicidade?

E2: Muitas vezes, é... Como eu vou explicar...? Bom..., não sei como falar!

E2: A felicidade não seria só tal coisa e ponto de ter a felicidade com um afeto, um laço que tu podes, depois da aula... sei lá, final da aula, fim de semana, sair jogar bola. São nesses momentos que se encontra a felicidade...

E5: É... como tem gente que tem muito problema em casa, que prefere vir para cá, porque tem os amigos, descontraí, esquece os problemas de casa...

E3: É, e a gente passa tanto tempo aqui dentro... E eu sou da opinião de que temos que buscar a felicidade em todo o lugar, dependendo se for escola, trabalho, encontrar essa felicidade de algum jeito porque eu acho que devemos aproveitar esses momentos na escola porque, que nem, no nosso caso, esse ano vai acabar e cada um aqui vai seguir um caminho diferente em busca da sua felicidade.

Nesta discussão sobre a 'vida após a escola', lembrando que se trata de estudantes concluintes do terceiro ano do ensino médio, o estudante 3 contempla, com sua imagem, a noção de uma escola que tem como função

ensinar e aprender e, conseqüentemente, 'preparar-se para o futuro':



**Figura 3 – Aprender é se preparar para o futuro**

Fonte: Estudante 3

E3: 'Aprender é se preparar para o futuro', no caso, a pessoa vem pra escola, nos primeiros sem... sei lá, porque meus pais me obrigam. Chega no final do ano, tu estás acabado, chega no terceiro ano tu não vês a hora de ir para a faculdade, ter uma graduação maior, tu tens que aprender para se preparar, para se preparar melhor para o futuro... que nem eu, que pretendo fazer engenharia elétrica, eu vou ter que estudar muito sobre engenharia elétrica pra poder trabalhar, saber no que eu estou trabalhando...é para ter uma base para explicar para as pessoas o que eu estou fazendo e como eu vou fazer, me preparar bem para ser alguém na vida.

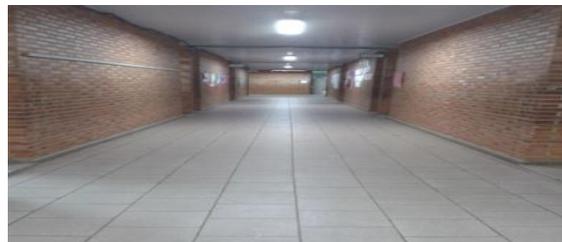
Coord.2: E o que é esse futuro?

E3: Futuro? É o que me espera daqui pra frente, a faculdade é antes, durante, depois, é que nem o futuro depois da escola. O que eu vou fazer depois da escola? Vou direto para a faculdade? Vou continuar trabalhando? Vou servir ao Exército? O que eu vou fazer no meu futuro? Nem sei o que eu vou fazer daqui alguns meses quando terminar o ensino médio.

E7: Nossa! Eu repetir 'o que eu vou fazer' três vezes em cada frase, em vez de colocar todas na mesma frase.

As imagens também se articularam ao momento de conclusão dos estudantes, apontando para as escolhas profissionais e para o questionamento em relação ao futuro. A escola, assim, mostrou-se como um espaço que aponta caminhos, ainda que vazios, como o que veremos a seguir, direciona, faz questionar. Um corredor vazio, iluminado, que leva o nosso olhar para uma parede ao fundo. Mas, um vazio que apresenta possibilidades, como entendemos

pelos falas a seguir, em que os alunos se provocam ao vislumbrar a imagem da estudante 4, seguida da legenda abaixo:



**Figura 4 – Escolher o seu caminho**

Fonte: Estudante 4.

E3: Nossa! O que significa esse corredor vazio?

E4: Não, é que a gente tem um caminho e essa portinha tem um significado: cada portinha é uma escolha e o corredor seria tua vida e tu podes fazer várias escolhas!

E1: Vai chegar um ponto que tu vais ter que escolher; não tem como fugir!

E3: Vai ter que bater na porta e pedir!

O espaço da escola como o que pode ajudar no caminho a seguir, na 'porta que escolher para bater', também passa pelo processo de questionar e, mais ainda, questionar-se sobre o futuro, sobre o que se vai fazer após a conclusão do ensino médio, como nos mostra a figura do estudante 5.



**Figura 5 – Questionar-se**

Fonte: Estudante 5.

E5: Eu penso, assim, quando ela falou que tinha de ser uma imagem e foi a imagem que tinha na minha frente, e daí eu pensei: é bem para essa época, que tu ficas se questionando o que tu vais fazer? É de tu conhecer algumas matérias que tu estás fazendo, é tu ter uma base, é tu pensar: eu gosto de Física e fazer uma faculdade que tenha mais esse lado?. Ah, odeio

matemática, números, mas tem que ler essas coisas por causa do vestibular.

E10: Eu concordo, eu acho que, assim, pergunto mais dúvidas, assim, agora que a gente está no ensino Médio, tem de fazer uma escolha para a vida toda. O bom é que a gente pode escolher o que quer fazer.

Aquino (2011, p. 464), ao analisar a produção discursiva contemporânea sobre a indisciplina no ensino médio, ressalta que os concluintes “apresentam certo apaziguamento” em suas condutas, que, conforme o autor, poderia ser conferido a um efeito de institucionalização. Concordamos com o autor, mas, igualmente, percebemos que esse momento de ‘despedida’ da escola marca uma outra forma de olhar para a instituição.

Chamou-nos a atenção os muitos espaços da escola que foram destacados pelas imagens. Como já vimos na imagem anterior, o corredor, além de espaços como quadras de esporte e paredes, mereceram lugar nas fotografias, denotando outras funções da escola na contemporaneidade, como a legenda escolhida pela estudante 14 (figura 6): ‘Que uma simples parede pode nos ajudar a aprender cada vez mais!’.



**Figura 6 – Paredes que ensinam**

Fonte: Estudante 14.

A coletividade do trabalho na escola foi outro destaque apresentado pelos jovens, que citaram. Segundo conversa a partir da fotografia apresentada na figura 7, “O trabalho em equipe é fundamental para as coisas darem certo!”



**Figura 7 – Coletividade**

Fonte: Estudante 8.

E13: Muitas coisas que tu fazes, tu precisas de alguém para concluir, tanto aqui na escola para aprender a matéria, mas também em casa para construir a família na tua vida, sempre tu vais precisar de alguém.

E8: O trabalho em equipe tem a base na escola para depois tu poderes praticar na tua vida. Não é praticar, mas é tu teres uma função depois no teu emprego, é que nem aqui na escola, quando se tem um trabalho, cada um aqui é responsável por fazer uma parte deste trabalho, e temos que nos preparar para apresentar o trabalho. Isso já é uma forma para se preparar para o futuro, para ter relações, conseguir trabalhar em equipe, melhorar essas relações para não dar atrito, briga, para poder trabalhar em equipe.

Entre as quinze imagens produzidas pelos participantes durante o processo de investigação na escola, destacamos apenas sete, as quais, para esse artigo, consideramos mais pertinentes. Cabe mencionar que, durante o processo, estivemos atentos ao que ali se visualizava, narrava-se, produzia-se de discurso; mas, ao mesmo tempo, passamos a visualizar o que ali não aparecia, não era fotografado ou enquadrado. Percebemos, nesse sentido, a ausência de imagens da figura do professor, ainda que bastante presente na discussão em momentos dos grupos focais. Também percebemos a ausência de imagens das salas de aula, enquanto apareciam outros espaços públicos da escola, como os corredores, a quadra de esportes, a biblioteca. Talvez, a predominância de tais espaços e, conseqüentemente, a ausência de outras imagens seja porque os espaços fora da sala de aula possibilitam aos alunos momentos mais livres das normativas e da relação, por vezes, ainda hierárquica, entre professor e aluno.

Ao analisarmos as falas dos estudantes, uma das questões que nos parece ser recorrente é o quanto a escola ainda é percebida pela sua promessa de preparação para o futuro: ‘Aprender é se preparar para o futuro’, diz o Estudante 3; ‘[...] tem a base na escola para depois tu poderes praticar na tua vida’, afirma o Estudante 8. Embora a missão civilizadora moderna nunca tenha se efetivado na escola, sua promessa continua aparecendo com força nos discursos dos estudantes. Sabemos que os resultados do trabalho educacional não são imediatos e, muitas vezes, os alunos vão perceber a importância da escola ou do papel dessa instituição na vida deles só muito tempo depois. No entanto, ainda sustentamos um modelo de escola que valoriza mais o passado e o futuro do que o presente. Esquecemos que os alunos estão na escola em tempo presente e a experiência do aprender só se efetua neste tempo, na relação com a existência, em acontecimento. Desse modo, a escola deveria atentar para as coisas desse mundo, nem tanto a vida que se foi, nem tanto a vida que poderá vir a ser.

Por outra via, é possível perceber o quanto as práticas da escola, muitas vezes, encontram-se afastadas dos desejos dos alunos, como nos mostra a estudante que produziu a imagem 1 e que nos diz sobre o seu interesse pela leitura de livros literários e a vontade de viver outras experiências na escola, seja por meio dos livros, da parceria entre os colegas e, até mesmo, de um amor. Outro exemplo é o Estudante 12 que, ao referir-se à felicidade, relaciona-a ao fora da aula, “[...] um laço que tu podes... depois da aula... sei lá, final da aula, fim de semana, sair jogar bola, são esses momentos que se encontra a felicidade...”. Porque a vida, a alegria, a felicidade não pode estar dentro da sala de aula? “Onde a vida se refugiou na escola?” (Aquino & Sayão, 2004, p. 98).

O coletivo, o trabalho em equipe, também aparece relacionado à imagem 7, mesmo que na perspectiva de se preparar para o futuro. A escola ainda parece ser o lugar de socialização, de encontros, nem sempre prazerosos, por vezes conflitantes e paradoxais; afinal, educar não é uma função somente pedagógica, mas também ética e política, cujo fim é inserir as crianças e os jovens em um mundo público. Talvez seja nesse sentido que, ao terem um espaço para falar sobre a escola, socializar ideias com os colegas, serem escutados, os alunos disseram, durante a avaliação do trabalho realizado na investigação, o

quanto esse tempo-espaço de conversa tornou-se significativo.

E3: Bom, é assim, eu achei muito bom isso, porque tu podes falar o que tu pensas desse assunto porque durante a aula tu não podes falar isso, teria que ter mais...

E11: Tu podes ver a opinião de outras pessoas, que pode ser igual ou diferente da tua, e eu acho que deveria ter mais vezes, mais aulas, porque quatro encontros são muito pouco.

Para finalizar essa análise, podemos concluir que os alunos nos apresentam, em suas falas e nos destaques de suas imagens, que a escola poderia ter a potência de ser “um dos espaços privilegiados de mais-vida” (Aquino & Sayão, 2004, p. 41). A escola poderia ser um espaço de educação atenta aos signos da vida, a outras vidas, em meio à vida. Talvez isso nos ajude a pensar na pergunta que fizemos inicialmente aos alunos: Quais as funções da escola hoje? Se não temos e nem queremos ter definições para essa questão, os alunos parecem nos apontar para algumas pistas capazes de nos provocar muitas inquietações.

### Considerações finais

Pensar a escola por meio de imagens produzidas pelos estudantes concluintes do ensino médio, em discussão coletiva, partindo de uma investigação realizada em um programa de pós-graduação que se propõe problematizar o ensino na contemporaneidade: eis a tarefa que nos propusemos, tomando as imagens não como ilustrações, mas produções potentes em meio a um grupo, construindo discursos entre e com os estudantes. Não se trata, como apontamos no decorrer do artigo, de uma busca pela ‘verdade escondida’ nos relatos dos estudantes concluintes do ensino médio, mas, sim, de uma proposta de investigar possibilidades enunciativas acerca das novas configurações da escola. Aqueles que se lançam à análise de discurso são, para Foucault, “[...] obrigados a continuar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habituados, em um terreno ainda não esquadrihado e na direção de um final que não é fácil prever” (Foucault, 2002, p. 44). Nesse sentido, interessou-nos não a autoria das enunciações sobre a escola, mas como determinadas enunciações aparecem, repetem-se, constituem o cotidiano da escola,

tornando-se práticas discursivas no sentido dado por Foucault.

Ao finalizar este artigo, apontamos para os elementos destacados nas fotografias dos participantes: os livros, materiais característicos da aprendizagem formal, apareceram com destaque nas imagens produzidas, sejam eles os didáticos ou os de literatura, enfatizando a apreciação da leitura. Espaços outros da escola, como corredores e paredes, também foram destacados nas fotografias, de maneira especial, os cartazes e desenhos produzidos naqueles espaços. O momento de despedida da escola foi também ressaltado pelos estudantes, suscitando um debate sobre as escolhas profissionais e sobre o questionamento em relação ao futuro e o quanto a escola prepara (ou não) para a vida. Mereceu destaque a ausência da figura do professor e da sala de aula nas imagens, ainda que bastante presente nos momentos dos grupos focais. Problematizações que ainda necessitam maiores discussões na continuidade de nossa investigação, que segue em andamento até o ano de 2017, e busca contribuir para ampliar a investigação sobre as funções da escola básica na atualidade e sua importância para os jovens estudantes, trazendo-os para o centro da conversa.

Para concluir, é necessário enfatizar a função política e pedagógica da escola nos discursos dos estudantes; para eles, a escola ainda se propõe, como instituição moderna, a cumprir a missão de preparar para o futuro os jovens em formação. E eles, estudantes concluintes, ao mesmo tempo que aderem a este discurso, anunciam a valorização que a escola deveria promover no momento que a vivenciam, destacando a sua função social. Observa-se que a necessidade de vivenciar novas experiências, no espaço coletivo e em conjunto com outros colegas, é ressaltada pelos estudantes. Para além de se preocupar apenas com o futuro, a escola deveria valorizar o que o estudante vive e aprende no momento; não mais um projeto de vida, mas uma vida de projeto, tal como o estudante 3 nos ajuda a lembrar: '[...] o nosso presente é o nosso futuro!'

## Referências

- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- Alves, N., & Sgarbi, P. (2001). *Espaço e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Aquino, J. G. (1996). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Aquino, J. G. (2007). *Instantâneos da escola contemporânea*. São Paulo: Papirus.
- Aquino, J. G. (2011). Da (contra) normatividade do cotidiano escolar: problematizando discursos sobre a indisciplina discente. *Cadernos de Pesquisa*, 41(143), 456-484. Recuperado em 01 janeiro, 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n143/a07v41n143.pdf>
- Aquino, J. G., & Sayão, R. (2004). *Em defesa da escola*. São Paulo: Papirus.
- Aumont, J. (2009). *Aimagem*. São Paulo: Papirus.
- Banks, M. (2001). *Visual methods in social research*. London: Sage.
- Campos, R. (2011). Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. *Análise Social*, XLVI(199), 237-259. Recuperado em 01 janeiro, 2017, de <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1317831186G5cUQ8iz4Gt87CI9.pdf>
- Ciavatta, M., & Alves, N. (2008). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez.
- Correa, G. C. (1997). Permanência e mudança: desejo de cientificidade nas relações entre Ciência e Escola. *Perspectiva*, 15(27), 121-133. Recuperado em 01 janeiro, 2017, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10568/10101>
- Dubet, F. (1998). A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. *Contemporaneidade e Educação*, 3(3), 27-33. Recuperado em 01 janeiro, 2017, de <http://docplayer.com.br/8807092-A-formacao-dos-individuos-a-desinstitucionalizacao-in-revista-contemporaneidade-e-educacao-ano-3-vol-3-1998-p-27-33.html>

- Fischman, G. (2000). *Imagining teachers: rethinking gender dynamics in teacher education*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Fischman, G. (2001). Reflections about images, visual culture, and educational research. *Educational Researcher*, 30(08), 28-33.
- Fischman, G. E., & Sales, S. (2014). Iconoclash: reflexões sobre cultura visual e pesquisas em Educação. *Educação*, 37(3), 423-432. Recuperado em 01 janeiro, 2017, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18151/12451>
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2002). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2004). *Sécurité, territoire, population*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (2015). *Microfísica do poder* (2a ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Jay, M. (1996) Vision in context: reflections and refractions. In: T. Brennan, & M. Jay. (Orgs.). *Vision in context* (pp. 03-12). New York: Routledge.
- Larrosa, J. (2000). *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Larrosa, J. (2004). *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Mirzoeff, N. (2005). *Watching Babylon – the war in Iraq and global visual culture*. New York: Routledge.
- Mitchell, W. J. T. (1994). *Picture theory: essays on verbal and visual representation*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Ramos do Ó, J. (2007). Desafios à escola contemporânea: um diálogo. *Educação e Realidade*, 32(2), 109-116. Recuperado em 01 janeiro, 2017, de <file:///C:/Users/usuario/Downloads/6653-20659-1-PB.pdf>
- Porcheddu, A. (2009). Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação: desafios pedagógicos e modernidade líquida. *Cadernos de Pesquisa*, 39(137), 661-684. Recuperado em 01 janeiro, 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a16.pdf>
- Portocarrero, V. (2004). Instituição escolar e normalização em Foucault e Canguilhem. *Educação e Realidade*, 29(1), 169-185. Recuperado em 01 janeiro, 2017, de <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25424/14750>
- Prosser, J., & Loxley, A. (2008). *Introducing visual methods*. ESRC Nacional Centre for Research Methods.
- Ribes, R. (2005). Economia de retratos. In A. Mota, & D. C. Pacheco (Orgs.). *Escola em imagens* (pp. 41-51). Rio de Janeiro: DP&A.
- Rego, T. C. (2003). *Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Schwertner, S. F., & Fischer, R. M. B. (2012). Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. *Educação em Revista*, 28(1), 395-420. Recuperado em 01 janeiro, 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/edur/v28n1/a17v28n1.pdf>
- Torre, D., & Murphy, J. (2015). A different lens: changing perspectives using Photo-Elicitation Interviews. *Educational Policy Analysis Archives*, 23(111), 1-23. Recuperado em 22 dezembro, 2016, de <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v23.2051>

Recebido em: 21/12/2015

Aceito em: 31/05/2016